

Sífilis congênita no Rio Grande do Sul: Implicações e Análise Epidemiológica de 2014 a 2024

Emilly dos Santos Siqueira¹; Laura Zanatta¹; Maria Fernanda Brum Mac Cord Lanes¹;
Lauren Hickmann Muller¹

¹Curso de Medicina da Escola de Saúde da Universidade do Vale do Rio do Sinos

Introdução: A sífilis congênita é uma infecção vertical causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Apesar dos avanços na saúde pública, o Rio Grande do Sul (RS) apresentou altas taxas de sífilis congênita ao longo da última década, refletindo uma deficiência na contenção da doença. Assim, a análise do perfil epidemiológico é essencial para identificar grupos vulneráveis e orientar ações preventivas.

Objetivos: Analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita no RS entre os anos de 2014 e 2024.

Métodos: Trata-se de um estudo ecológico baseado em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS). Foram incluídos casos de sífilis congênita registrados entre 2014 e 2024 no RS, em recém-nascidos com até 6 dias de vida. As variáveis analisadas incluíram ano de diagnóstico, cor/raça, sexo, escolaridade materna e adesão ao pré-natal.

Resultados: Foram contabilizados 18.322 casos de sífilis congênita no RS durante o período de análise. Quanto ao ano de diagnóstico, entre 2014 a 2023 observou-se estabilidade, oscilando entre 8 e 10%, de modo que se verificou um decréscimo significativo em 2024, contabilizando 676 casos (3,67%). Em relação à cor/raça, os casos majoritariamente ocorreram em indivíduos de cor branca (62,58%), seguidos de sem identificação (19%), pardos (10%) e pretos (7,91%). No sexo masculino e feminino observou-se uma prevalência de 44,67% e 46,67%, respectivamente. A prevalência de mães que apresentaram ensino fundamental completo, 5^o a 8^a série do ensino fundamental incompleto, ensino médio

completo e ensino médio incompleto corresponde a 16%, 18% e 19% e 10%, respectivamente. Por fim, 82,20% das mães fizeram o acompanhamento pré-natal durante a gravidez e 13% não.

Conclusão: A análise da prevalência de casos ao longo do período supracitado sugere avanços nas estratégias de controle. A maioria dos casos ocorreu em indivíduos brancos, com distribuição semelhante entre os sexos, apontando para a importância de políticas públicas sensíveis às características regionais. A escolaridade materna concentrou-se no ensino médio completo e fundamental incompleto, possivelmente refletindo barreiras de acesso à informação e aos serviços de saúde. Apesar da elevada adesão ao pré-natal, a persistência de casos evidencia possíveis falhas no diagnóstico e tratamento adequados. Os resultados reforçam a necessidade de intensificar ações de prevenção, com foco na detecção precoce e no manejo efetivo da sífilis congênita.

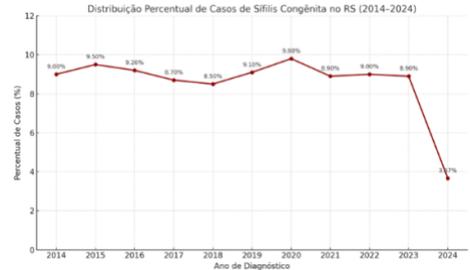


Imagem 1: gráfico da distribuição percentual de casos de sífilis congênita no RS

Referências: IC, Gomes LLF, Avena KM. Sífilis congênita no Brasil: panorama dos últimos e dos próximos dez anos. The Brazilian Journal of Infectious Diseases. 2021;25(S1):101203.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico de Sífilis. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.